

OS DESAFIOS DE SE TRABALHAR A QUESTÕES RELATIVAS À SEXUALIDADE NA SALA DE AULA¹

Neize Fatima de Souza²

RESUMO:

Esse artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva-exploratória, que configurou-se enquanto estudo realizado na Escola Municipal Antônio Clarismundo Scheffer em Sapezal-MT, com objetivo de investigar como estava sendo tratada a questão da sexualidade nos 5^{os} anos do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada da seguinte forma: sendo a primeira uma revisão teórica, a segunda a realização de entrevistas com professores e a última etapa a análise de dados. As entrevistas semiestruturadas foram feitas com quatro professoras e a coordenadora. Nesse estudo, diagnosticamos as dificuldades encontradas pelas pedagogas participantes da pesquisa ao trabalharem com a temática, demonstrando o paradoxo entre o que a teoria propõe com aquilo que acontece na prática no cotidiano escolar. Para finalizar a pesquisa propomos uma reflexão da prática docente, considerando o papel importante do educador enquanto orientador das questões pertinentes à sexualidade.

PALAVRAS CHAVES: orientação sexual, educação, escola.

ABSTRATC:

This work it is a qualitative, descriptive and exploratory type, which was configured as a study in school Municipal Antônio Clarismundo Scheffer in Sapezal – MT. in order to investigate how was being treated the issue of sexuality in 5^oS years of elementary school. The survey was conducted as follows: the first being a theoretical review, the second conducting interviews with teachers and the last stage of the data analysis. The semi-structured interviews were conducted with four teachers and the coordinator. In this study we diagnose the problems faced by participants pedagogues from research to work with the theme, demonstrating the paradox between what the theory proposes with what happens in practice in everyday school life. Finally the research we propose a reflection of teaching practice, considering the important role of the educator as a guiding of issues relevant to sexuality.

KEYWORDS: sexual orientation, education, school.

1 Artigo Científico apresentado à disciplina de Metodologia Solicitado no Curso Maestria em Ciências de La Educacion - Mestrado da Universidad Internacional Tres Fronteras –UNINTER. Trabalho orientado pela Professora Dra. Regina Menacho.

² Graduada em História pela universidade do Estado de Mato Grosso e pós-graduada em Educação Infantil e Especial pela Faculdade Águas Emendadas.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a sexualidade é parte fundamental no ser humano desde que nascemos até a última fase da vida, entretanto, esse tema ainda é tabu para a maioria das pessoas, a sociedade de forma geral ainda trata o assunto como irrelevante. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais, é um suporte importante no ambiente escolar.

Tendo por base por base os Parâmetros Curriculares Nacionais pode-se notar as razões desta pesquisa, sendo assim, a escolha por esta temática surgiu no decorrer do curso de pós-graduação nos anos de 2010 e 2011 como monografia para a conclusão do curso.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira corresponde à uma revisão teórica, a segunda as entrevistas semiestruturadas que foram feitas com seis professoras e a terceira etapa, as análises de dados, sendo que as entrevistas foram feitas novamente com as mesmas questões neste ano letivo de 2015 ainda que as conclusões tenham poucas alterações.

Para o embasamento teórico temos Foucault (2005), Alves (2003) entre outros de que deram o suporte para a pesquisa. Nesse estudo, foram diagnosticadas as dificuldades na abordagem do tema na sala de aula, a falta de conhecimento sobre o assunto e a interferência da família no contexto escolar e a necessidade de um suporte maior por parte da equipe que coordena a escola.

Consideramos que o diálogo é uma ferramenta básica no processo de educar para a vida, para conviver em sociedade. A escola é a base para mudar as visões distorcidas, preconceituosas e negadas sobre a sexualidade que vem tempo posto ao longo do tempo.

A relevância do tema dentro do contexto escolar a partir da pesquisa, demonstra que esse estudo a pesquisa se configura enquanto uma problemática a ser solucionada. Com o intuito de conhecer essa realidade, uma questão é formulada: como a sexualidade está sendo abordada dentro da escola Antônio

Clarismundo Scheffer na cidade de Sapezal-MT, segundo o olhar das educadoras desta referida escola nos 5º anos do ensino fundamental.

2. PELOS UNIVERSOS DA TEORIA

Foram encontrados durante esta pesquisa alguns exemplos de educadores com dificuldades em trabalhar a temática da sexualidade. Camargo (2003, p.55) nos ajuda a identificar aspectos presente na realidade, descrevendo a seguinte cena:

[...] a professora nota que uma menina de 6 anos sai da sala e, logo a seguir seu coleguinha e, segundo ela, trocam olhares suspeitos. Ela sai atrás e encontra os dois no banheiro beijando-se na boca. Dá uma grande “bronca”. (CAMARGO, 2003, p.55).

De acordo com o autor, a sexualidade manifesta-se claramente nas crianças que acabam por imitar os adultos, através dos jogos sexuais, conforme Camargo (2003, p.57), ocorre que:

[...] as crianças percebem as diferenças entre os sexos, manifestam curiosidade sobre reprodução e nascimento, falam sobre namoros, participam de jogos sexuais, compartilham informações sobre sexo independente de um adulto querer ou não. [...] (CAMARGO, 2003, p.57).

Segundo o autor, a partir do momento que a criança aprendeu a andar e falar, a curiosidade sobre seu corpo aflora, surgem as dúvidas e começam novas descobertas. Exatamente nesse período é que se devem ensinar as crianças sobre o corpo e posteriormente falar em sexualidade, trabalhando a educação sexual que deveria estar presente em casa como também em sala de aula, conforme os temas transversais (2001, p.112), que compõe os Parâmetros Curriculares Nacionais³.

O documento citado traz assuntos de grande relevância a serem discutidos na escola, sendo o seu volume 10 trata-se dos Temas Transversais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

³ O objetivo da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais pelo Ministério da Educação foi de apontar metas que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo e autônomo.

É importante destacar que existe diferença ao se usar o termo educação sexual e orientação sexual. Beraldo (2003), em seu artigo Sexualidade e Escola: um espaço de intervenção ressalta que esses termos são distintos.

A educação sexual acontece no seio familiar. É uma experiência pessoal contida de valores e condutas transmitidos pelos pais e por pessoas que o cercam desde bebê. Já a orientação sexual é dada pela escola onde são feitas as discussões e reflexões a respeito do tema de uma maneira formal e sistematizada que constitui em uma proposta objetiva de intervenção por parte dos educadores (AUTOR, ano e página).

De acordo com Pinto (2009)⁴, o termo Educação Sexual refere-se ao modo de como toda a família e sociedade nos transmitem valores tidos como padrão que envolve a moral sexual. Englobando, por exemplo, a maneira de ver a masculinidade e a feminilidade, que são determinados antes mesmo do nascimento de cada criança e são reforçados ao longo da vida no convívio familiar e social. Por outro lado, orientação sexual surge como algo criado objetivamente para tratar a sexualidade dos/a alunos/as num espaço específico, a fim de promover as discussões com o intuito de esclarecer os questionamentos dos/a alunos/as, ensinando conscientizando.

A justificativa para a presença da Orientação Sexual nos PCN's é de que esta é necessária, a fim de orientar crianças e jovens a evitarem o alto risco de gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis entre outras discussões relevantes como: masturbação, homossexualidade, aborto, entre outras; estabelecendo dessa forma para a família e a escola a responsabilidade pela sexualidade de seus filhos/as e alunos/as, portanto nos PCN's é dada a importância às precauções com relação ao sexo e a saúde do corpo do adolescente.

[...] Reconhece-se, portanto, como intervenções mais eficazes na prevenção da AIDS as ações educativas continuadas, que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas. Devido o tempo de permanência na escola e às oportunidades de trocas,

⁴ O autor também fala sobre a aprendizagem significativa e está somente poderá ser realizada com a participação da escola e da sociedade.

convívio social, dessas questões constituindo local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. [...] O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como abuso sexual e a gravidez indesejada. (BRASIL, 2001, p.114).

Dentro dos PCN's, o educador ou educadora deve dar enfoque a três as relações de gênero, corpo humano: a matriz da sexualidade e a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. (PCN. 2001, p. 114).

Mesmo com o referido documento, ainda é comum encontrar professores despreparados na intenção de omitir o assunto por julgar as crianças não podem ou não devem ainda falar ou discutir sobre sexo. A omissão dessas informações poderá causar nas crianças o desejo de buscarem seus próprios caminhos para encontrar a verdade.

A reflexão que existe sobre de quem é a responsabilidade em abordar as questões sexuais, a família deixa para a escola e vice versa.

Os estudos de Louro (2001, p.95), apontam que a escola tornou-se o lugar para trabalhar sobre o corpo das crianças, dos jovens e dos/as professores/as. Uma vez que a sexualidade está implícita na vida cotidiana como também faz parte da nossa cultura sendo exibida em filmes, esporte, música, dança, moda, não poderia deixar de estar presente no currículo escolar.

Em entrevista Rosely Sayão (20016), ela nos afirma que “a obrigação do adolescente é pensar no presente. A obrigação dos educadores é pensar no futuro, preparar e acompanhar o educando”. Sendo assim, isso se aplica às crianças em relação a sexualidade.

As relações sexuais estão acontecendo de forma precoce, a desinformação poderá causar uma gravidez indesejada, por exemplo, doenças sexualmente transmissíveis causando assim transtorno na vida do adolescente.

É importante relatar que muitos pais foram educados numa época mais rígida que nos dias de hoje e que falar sobre sexo ainda é um tabu, ou quando o assunto é abordado esta é feita em forma de repressão.

A sociedade está passando por um rápido processo de transformação e isso leva os pais a se sentirem inseguros em relação a sexualidade de seus filhos, e muitos não se encontram preparados para orientar seus filhos, embora a maioria desejem que seus filhos sejam mais felizes que eles.

A família, por outro lado, desde que a criança nasce impõe sobre os valores ensinados que vão distinguir o que é menino e menina. As roupas, os brinquedos e objetos identificam ao longo da infância a diferença sexual que a sociedade dita, porém são elementos que identificam ao longo da infância a diferença sexual que a sociedade dita, porém são elementos meramente externos, pois a formação a sexualidade de cada indivíduo depende de fatores culturais, étnicos e sociais sobre os quais a família exerce grande influência. (BOCK, 2003, p. 251).

Mesmo com tantas discussões sobre a sexualidade, pode-se dizer que existe é uma sociedade estenotipada que cultiva o tabu de que a mulher deve ser subordinada ao sexo masculino. Ainda segundo BOCK (2003, p. 247 e 248), o modelo familiar consistia em “pai-mãe-prole”. Isso nos remete aos mitos que estão ligados à individualidade de cada sujeito que desenvolve na vida ensinamentos de seus pais dentro de casa.

Camargo (2003, p.41) nos aponta que é comum encontrarmos materiais impressos voltados ao público adolescentes, oferecendo dicas de como ter uma boa performance sexual, testes, métodos de conquista entre outras. Ainda de acordo com Camargo: “[...] a presença do educador e educadora comprometidos com o respeito à intimidade sexual possibilitaria que o aluno e a aluna tivessem uma visão do sexo diferente daquela vendida pelo consumo.” (2003, p. 41)

Ainda existem vários fatores que dificultam o trabalho dos educadores e da escola em relação à plena Educação Sexual que possam minimizar os problemas sociais relacionados a esse tema na sociedade.

Segundo Louro (2004, p.81): “[...] a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir.”

Ainda conforme as palavras Louro (2004), não podemos esquecer que a sexualidade é parte integrante do ser humano. Portanto, não dá para fugir do assunto. A sociedade de é cercada de conceitos e prefere tratar o sexo como algo vergonhoso. Para Rubens Alves (2003) os prazeres do sexo são variados. Vão desde a sensação uma sensação suave até uma explosão vulcânica chamada de orgasmo.

A sociedade não trata o sexo como algo natural como diz Rubens Alves cercado o de tabus. Portanto é necessário reconhecer que: “[...] a escola não apenas transmite conhecimentos, nem apenas os produz, mas que ela também fabrica seus sujeitos produz identidades étnicas, [...]” (LOURO, 2004, p.85)

Foucault (2005) em história da sexualidade relata que ao longo do tempo mitos e tabus foram inventados pelo homem para evitar que as crianças não descobrissem informações sobre o sexo e a sexualidade. A escola seria um dispositivo disciplinador de seus/as alunos/as a fim de controlar as questões da sexualidade forma mais natural.

2.1. A Escola e a Orientação Sexual

As orientações sexuais nas escolas passam por muitos desafios, isso implica em discutir as questões culturais, étnicas e morais. Uma delas, são os meios de comunicação que exibem corpos que veiculam a sexualidade de tal forma que estimulam sua vivência de forma prematura.

Os educadores devem agir de modo crítico nas crianças nas crianças. Ensinar que existem culturas, crenças e valores morais diferentes, mesmo que a sociedade que ele está inserido dite as regras, para favorecer um melhor esclarecimento na compreensão do que é a sexualidade em si e posteriormente, favoreçam reflexões do melhor caminho a seguir. Sendo assim, Camargo (2003, p.43) diz:

[...] Educação Sexual na escola deve ser realizado de tal forma que permita a participação constante dos alunos e alunas, por meio de discussões que privilegiem o posicionamento de cada um quanto ao tema em debate, assim como levantamento e discussão das dúvidas, das divergências e dos pontos em comum (CAMARGO, 2003, p.43)

Os PCN's de acordo com Rabelo (2000, p.32) a orientação foi criada a princípio como prevenção, com a intenção de falar do corpo biológico, da fisiologia, da anatomia buscando o combate a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis, e não para falar dos prazeres e desejos que o corpo pode sentir.

Na escola está presente o paradoxo entre teoria e prática, na teoria concepções que muitas vezes não são cumpridas, na prática muito tem se deixado a desejar sobre o assunto.

Entende-se que os educadores devem programar sua aula partindo do questionamento que as crianças fazem no decorrer das aulas, além de levantar questões importantes nos conteúdos programáticos, discussões como sexualidade, e para este tema requer que o educador estabeleça um clima agradável deixando-os mais à vontade. (PCN, 2001).

Tudo que os alunos desejam é encontrar respostas para as suas curiosidades, que por sua vez está ligada ao ensino aprendizagem. De acordo com os PCN's (2004, p.124), para que o educador ou educadora possa realizar um bom trabalho sobre este tema deve-se seguir alguns passos:

Estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professor;

- Responder de forma clara, direta e esclarecedora;
- Respeitar a opinião de cada estudante e garantir a participação de todos;
 - Buscar informações corretas cientificamente falando ao esclarecer questões abordadas pelos alunos no cotidiano escolar.

Portanto é de competência do educador informar e compreender as diversas manifestações que irão ser exteriorizadas pelas crianças e não reprimi-las, ao contrário, permitir e orientar.

É extremamente importante que haja a aliança entre escola e família, pois através do diálogo da troca de informações, lembrando que não cabe a escola interferir nos ensinamentos familiares, muito menos na educação que a família dá, mas sim compete à escola ensinar o respeito às diferenças, (PCN's 2001, p.124 e 125).

De acordo com Louro (2004) vale ressaltar a grande importância em não calar as curiosidades dos alunos. Não silenciar, não esconder a verdade. Vimos que é fundamental que o educador fale abertamente sobre as mudanças, as dúvidas que às vezes causam medos e angustiam nossos alunos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa deu início no ano letivo de 2015 na escola Antônio Clarismundo Scheffer com os professores dos 5^{os} anos do Ensino Fundamental, na referida escola existem 12 turmas de 5^o ano sendo 6 turmas no matutino e 6 no período vespertino que 6 professores foram entrevistados, nesse caso os alunos estão entre 10 e 12 anos. A intenção de realizar a pesquisa, foi de verificar como está sendo trabalhada a questão da sexualidade no contexto escolar.

Foi indagado aos professores se na escola havia algum projeto que abordasse a temática e se os professores tinham tido alguma formação a respeito no decorrer do exercício na sala de aula, ambas as professoras entrevistadas negaram a existência de qualquer projeto ou curso que contemplasse o assunto.

As informações obtidas com as entrevistas serão pontuadas a partir dos objetivos das pesquisas. Professora A, B, C, D, E, e F, ambas as professoras quando perguntadas sobre o trabalho sobre a sexualidade na sala de aula relataram que o assunto é tratado à medida que emergem dentro do contexto escolar, conforme narra a professora A.

O que eu faço é orientar o aluno quando sou questionada na sala de aula por algum aluno, não existe nenhum trabalho específico para isso. (Prof. A).

...depende da situação acontecer... (Prof B)

Acho que falta muito trabalho nesta parte... com a presença dos pais seria mais fácil falar sobre o assunto. (Prof. C)

Nesse primeiro item foi constatado que não existe um trabalho sistemático de orientação sexual na sala de aula, esse trabalho é feito quando necessário, não sendo uma prática constante na sala de aula.

A pergunta de número 2, questiona se já conheciam os temas transversais contidos nos PCN's e se a escola já realizou algum trabalho referente ao tema na sala do educador por exemplo.

...conheço estudei para o último concurso, mais nesta escola ainda não estudei [...]. (Prof. D).

...estudei ainda na graduação, na escola não vi ainda [...] (Prof. B)

Foi verificado na fala das professoras o não trabalho sobre as orientações sexuais nas reuniões da sala do educador e em outros casos o desconhecimento quase por completo sobre o tema.

Fica explícita na fala das professoras a necessidade de um estudo maior sobre o tema, ou quando feito foi de forma superficial, foi encontrado entrevista com uma professora a resistência em trabalhar o tema na sala de aula.

[...] penso que este tipo de orientação deverá ser feito pela família...(Prof.C).

Na última pergunta da entrevista, como os estudantes manifestam a curiosidade sobre a sexualidade em sala?

[...] quando são realizadas as aulas sobre o sistema reprodutor os as crianças fazem muitas perguntas, sobre menstruação, como as crianças nascem e muito outras, assunto que os pais não conversam com os filhos eles fazem na sala de aula. (Prof. A)

A professora A ainda relata que são muitas perguntas e que durante as aulas ele tenta sanar as dúvidas com respostas pontuais de forma a não estimular uma maior curiosidade sobre o assunto.

A professora D relata:[...] os alunos fazem muitas perguntas, [...] mas a gente conversa direitinho e eles entendem ganham confiança. [...]

Essas duas últimas narrativas evidenciam que ocorrem situações relacionadas à sexualidade na sala de aula e que no relato de algumas das educadoras esse assunto deveria ser abordado pelos pais.

Com estes relatos pode-se afirmar que existe uma falta de preparo dos professores, em estabelecer o limite da orientação sexual que deve ser oferecida em sala de aula e as entrevistas demonstram isso. Pode-se constatar na fala de algumas professoras, que é cedo para as crianças obterem informações a esse respeito e que não precisam de orientação sexual nesse momento por não terem maturidade para isso.

Nessa pesquisa, pode-se observar a falta de recursos, capacitação, preconceito em se trabalhar o assunto, falta de um projeto escolar que contemple o assunto tema em questão, as questões relativas à sexualidade só são abordadas quando acontecem situações na sala de aula que exigem a interferência das professoras. A pesquisa possibilitou o conhecimento sobre o trabalho dos educadores nessa escola e abre um leque de perguntas a respeito do tema como: o que falta de fato para se trabalhar a temática na sala de aula. Quem seria o culpado o sistema de ensino, a coordenação da escola ou dos próprios profissionais, ou deficiência de formação? São perguntas que não cabem a esta pesquisa responder.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os PCN's, em seu volume 10 abordam especificamente a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual nas séries iniciais. Este documento serve como ponto de referência para o trabalho e está presente em todas as escolas do país. Este documento (PCNs) estimulam as discussões ditam regras a serem seguidas pela sociedade.

Ocorre que na escola pesquisada, as narrativas apontam que as propostas contidas nos PCN's são utilizadas para outros fins como planejamentos e estudos e na prática esse documento é pouco ou nada utilizado.

Autores como Foucault afirma que antes dos regimes discursivos tínhamos a restrição do conhecimento sobre sexo apenas entre adultos quando eles encaminhavam no sentido da construção do corpo social que deveria que deveria ser submetido à disciplina e normas moldando mentes e corpos. Ao analisar a pesquisa, pode-se perceber que estas lógicas ainda se aplicam na escola pesquisada, algumas professoras fazem seu trabalho no sentido de demonstrar o que é certo e errado, outras dizem que certos assuntos não dizem respeito as crianças.

É extremamente importante que os educadores promovam discussões que possibilitem dar visibilidade a aspectos tais como: puberdade, início da vida sexual, abuso sexual, prostituição, prevenção de doenças, uso de anticoncepcionais, abortos considerados fundamentais para o entendimento da própria sexualidade visando a elucidação das dúvidas a fim de favorecer a visão crítica do/a aluno/a diante dessa temática.

Faz-se necessária uma formação inicial e continuada dos educadores a fim de instrumentalizar teoria e prática. Convém lembrar que os professores reproduzem seus valores referentes à sexualidade no cotidiano da escola, isso implica na necessidade de se viabilizar recursos e programas de capacitação que possibilite o preparo para a intervenção pedagógica dos docentes para tratar o tema.

Os pais, educadores/as, comunidade e sociedade em geral precisam trabalhar em conjunto construindo uma nova visão sobre sexualidade, para que saibam que se trata de se trata de algo próprio da natureza humana e que é bom. Mas, para que isso aconteça é necessário ter consciência e responsabilidade sobre sua prática, alertando que além dos prazeres sobre ele também podem recair problemas e dificuldades.

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais**. 8. Ed. Campinas: Papirus, 2003, p.91 a 96.

_____. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2004, p.95.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e gênero**. Cadernos Pagu, Campinas SP, v. 21, p. 281 a 315, 2003.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. **Sexualidade e escola: espaço de intervenção**. Psicologia Escolar Educacional. [Online]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572003000100012&script=sci_arttext. Acesso em 23/10/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Temas Transversais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3. Ed. Brasília: MEC, 2001. (Parâmetros Curriculares Nacionais; 10).

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Sexualidade (s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. São Paulo, SP: Moderna; 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade do Saber**. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. Ed. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PELLEGRINI, Denise. **Agora tudo se encaixa**. Revista Nova Escola [online]. Disponível em: http://nova-escola.abril.com.br/ed/112_mai98/html/edsexual.htm. Acesso em 14/01/2007.

PINTO, Enio Brito. **Orientação Sexual na Escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.** São Paulo. Ed. Gente, 2009.